

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIANE FELISBINO

ISÓCRATES E A BUSCA PELA UNIÃO DAS *POLEIS* NO SÉCULO IV A.C:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE GREGA

CURITIBA

2014

LUCIANE FELISBINO

ISÓCRATES E A BUSCA PELA UNIÃO DAS *POLEIS* NO SÉCULO IV A.C:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE GREGA

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito parcial à conclusão do curso de História – Bacharelado e Licenciatura, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto.

CURITIBA

2014

Agradecimentos

Queria que as Musas me ajudassem agora, a pelo menos não esquecer ninguém (ou não muita gente)!

Inicialmente, gostaria de agradecer a minha mãe, Dalva Felisbino, meus irmãos, Bertoldo Felisbino e João Luiz Felisbino, e cunhadas Márcia Strapasson e Sheila Poli Felisbino; pois sem eles não teria conseguido nem mesmo passar pelo curso de História.

Gostaria de agradecer também a meus professores, principalmente a meu orientador Renan Frighetto – que me apresentou o *Panegírico* e Isócrates, minha fonte, apenas! Também às minhas orientadoras do PIBID – Andréa C. Doré, Joseli M. N. Mendonça e Karina K. Bellotti – pois acredito que as experiências dentro desse grupo e nas escolas também podem estar refletidas de alguma forma neste trabalho, senão, pelo menos em minha pessoa. Quero agradecer também ao professor Luiz Carlos Sereza, que pôs o “Espelho de Heródoto” em minha vida, e à professora Martha D. Hameister, porque reciprocidade é tudo na vida! E é só dar uma olhada na minha bibliografia pra perceber o porquê! Não posso deixar de agradecer também à professora Fátima R. Fernandes, que já sei que será minha banca, daqui à pouco mais de uma semana; e à professora Marcella L. Guimarães parce que mes jours sont plus beaux quand ils ont des poésies.

Finalmente, quero agradecer a meus amigos, principalmente porque entenderam quando nos momentos de desespero tive que deixar de ir em alguma festa ou algo assim! Correndo o risco de esquecer de alguém... vamos tentar ir cronologicamente (ou mais ou menos isso)! Aos meus amigos de infância, adolescência e eternidade Dayanne K. Fiorese e John Fiorese. À amiga da época do colégio que sempre deu um jeito de estar perto, mesmo quando estive longe, S. Michelli Bernardino. Ao trio do cursinho com quem mantive mais contato, pois foram tempos difíceis que me trouxeram até aqui Jéssica Storrer, Lennon Henk e Viviani Bontorin. Da graduação, agradeço principalmente ao Leonardo Girardi, mas também aos que não apenas começaram comigo, mas foram chegando com o tempo e que

contribuíram de alguma forma para este trabalho, ou para risadas no pátio ou corredores. Aos de outros tempos... e de todos os tempos... Deisi Bontorin e Rafaela S. Tosin. Por fim, ao amigo de longe Daniel Nachmanowicz, pois em um dos meus “momentos fundadores” está uma conversa perdida em alguma noite do tempo...que fez eu me decidir por este curso...

Obrigada a todos!

“Cinturou-a e adornou a deusa, Atena olhos-de-coruja,
com veste brilho-argênteo; da cabeça um véu artificioso,
com as mãos, fez pender, assombro à visão.”

Hesíodo

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo pensar em que medida podemos falar em uma identidade grega na antiguidade, tendo em vista a autonomia e diferenças entre as *poleis* gregas. Desta forma, ao analisarmos o *Panegírico* de Isócrates, escrito em 380 a.C., buscamos entender se haveriam e quais seriam os elementos comuns entre essas *poleis*. Percebendo ao longo deste discurso dois tipos de oposição de grupos: gregos-bárbaros e atenienses-lacedemônios. Assim, tendo em vista os elementos identificadores gregos, dos quais podemos destacar a política e a *paidéia*, percebemos uma diferença entre a oposição de atenienses e lacedemônios, na qual os segundos eram vistos de forma antagônica aos primeiros quanto mais este se aproximava do bárbaro. Enquanto a alteridade gregos-bárbaros parece deixar clara a posição dos bárbaros no exterior do mundo grego.

Palavras-chave: Pan-helenismo, Isócrates, união das *poleis*.

Sumário

Introdução.....	08
1- Da formação das <i>poleis</i> ao pan-helenismo: um mundo em guerras.....	11
1.1 - A formação das <i>poleis</i>	12
1.2 - As Guerras entre Gregos e Persas.....	16
1.3 - A Liga de Delos.....	19
1.4 - A Guerra entre os Gregos.....	21
1.5 - O século IV a.C. e o pan-helenismo.....	25
2- Isócrates e seu <i>Panegírico</i>	28
2.1- Isócrates: vida e pensamento.....	28
2.2- <i>Panegírico</i>	32
Conclusão.....	46
Fontes.....	48
Referências Bibliográficas.....	48

Introdução

A historiografia costuma definir como Período Clássico ou Idade Clássica o lapso de tempo situado entre as o início do século V a.C, a partir do advento das Guerras entre os Gregos e Persas, e os fins do século IV a.C. – sendo o marco estabelecido por Robert M. Cook a conquista Macedônia representada pela derrota grega em Queroneia ¹, em 338 a. C., ou, segundo Mario C. Giordani, a morte de Alexandre Magno, em 323 a.C. ² Se por um lado, como aponta o próprio Giordani o termo *Clássico* remete à ideia de algo que tenha atingido o seu apogeu e ficado como modelo ³, de outro precisamos lembrar que é nesta época que ocorre grande parte das guerras e desavenças, tanto no plano interno das *poleis* quanto externo.

Quando falamos sobre a Grécia do Período Clássico, uma das principais imagens que associamos a ela são estas *poleis*, comumente conhecidas por cidades-estado, cuja autonomia é sempre lembrada, juntamente com o antagonismo entre suas duas principais representantes – Atenas, democrática, bastião da cultura; Esparta, aristocrática, guerreira. É a partir dessas diferenças, associadas aos conflitos que surgiriam entre elas, que começamos a nos perguntar se haveria como falarmos em uma identidade grega; e se caso isto fosse possível, quais elementos poderiam indicar que estes formavam em alguma medida um grupo coeso?

Para tentar responder a estes anseios utilizamos o *Panegírico* ⁴, discurso elaborado pelo retórico ateniense Isócrates, em 380 a.C., apontado como principal obra do pensamento pan-helênico ⁵. Nesta obra, com objetivo de promover a união das *poleis* gregas, durante um período no qual nem mesmo tratados de paz faziam cessar as guerras entre elas, o retórico apontava para uma expedição comum contra os persas, que deveria ser liderada por sua cidade. Sendo possível reconhecer, a

¹ COOK, R.M. *Os gregos até Alexandre*. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.

² GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.

³ Ibid. p.102.

⁴ ISÓCRATES. *Discursos I*. Editorial Gredos.

⁵ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.220.

partir do *Panegírico*, elementos de identificação e de oposição entre os grupos que nele aparecem.

Utilizamos para tal, os conceitos de identidade e alteridade com qual trabalham Jean-Pierre Warnier ⁶ e François Hartog ⁷, compreendendo identidade como um conjunto de elementos que permitam a um grupo se perceberem como tal, enquanto cria uma oposição a um *outro*. Assim, metodologicamente procuramos inicialmente, identificar os grupos mencionados durante o discurso isocrático, percebendo quais seriam os possíveis antagonismos. A partir das oposições encontradas, criamos duas tabelas ⁸ para melhor visualizar quais seriam os argumentos levantados sobre cada um dos grupos, e verificar suas diferenças e possíveis semelhanças.

Para melhor entendermos a obra isocrática nos apoiamos ainda em alguns autores, cujos objetivos, no entanto, diferenciavam-se dos nossos. Assim, podemos destacar Laura Sancho Rocher ⁹, que buscou compreender as concepções políticas de democracia, oligarquia e monarquia, nas obras de Isócrates e Demóstenes; Paul Cloché ¹⁰ e Philip George Neserius ¹¹, que juntamente com as ideias políticas olhariam para as questões sociais, morais e até pedagógicas que perpassam suas obras; e por fim Werner Jaeger ¹², que em sua obra sobre educação analisa este autor, não deixando porém de tocar na questão política, na medida em que educação e política estão intimamente associadas na obra de Isócrates. Os demais autores de nossa bibliografia foram utilizados para entendermos melhor o contexto com o qual trabalharíamos.

Assim, dividimos este trabalho monográfico em dois capítulos. O primeiro, referente a um contexto mais longo, pois desejávamos que o leitor compreendesse ao menos brevemente o panorama que precederia Isócrates, e que está em certa

⁶ WANIER, J.-P. *A mundialização da cultura*. Bauru: EDUSC, 2003

⁷ HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

⁸ Uma tabela referente à antítese gregos-bárbaros, e outra, atenienses-lacedemônios.

⁹ ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. In: Gerión, Madrid. v.20, n.1, 2002. pp.231-253.

¹⁰ CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps*. Paris: Les Belles Lettres.

¹¹ NESERIUS, P.G. Isocrates' Political and Social Ideas. In: *International Journal of Ethics*. vol. 43, n.3 (Apr., 1933). p.307-328.

¹² JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

medida refletida nela. Desta maneira, buscamos explicar um pouco sobre a formação das *poleis*, que ajuda-nos a entender suas diferenças. Tratando, em seguida, de assuntos que são mais claramente tocados por nossa fonte, as guerras contra os persas e entre os gregos, até finalmente chegarmos ao momento em que o *Panegírico* era escrito. Durante o segundo capítulo, abordaremos um pouco sobre a vida e pensamento de Isócrates, para então finalmente nos debruçarmos sobre nossa fonte.

1- Da formação das *poleis* ao pan-helenismo: um mundo em guerras

Este capítulo tem por objetivo trazer ao leitor um panorama geral sobre a história da Grécia Antiga, sobretudo no que se refere ao Período Clássico, elencando alguns assuntos que acreditamos ajudar a compreender tanto os conflitos do período em que viveu Isócrates quanto entender seu pensamento. Assim, o primeiro subcapítulo discorrerá sobre a formação das *poleis* gregas, para que possamos saber um pouco sobre suas peculiaridades e pensar sobre as oposições feitas principalmente no que diz respeito às duas maiores cidades – Atenas e Esparta. A segunda parte tratará da Guerra entre os Gregos e Persas, pois o mote principal de nossa fonte é uma nova expedição contra o que chamam de bárbaros, sendo este passado evocado devido principalmente às vitórias atenienses sobre o inimigo persa. Em seguida, falaremos um pouco sobre a Liga de Delos e o período em que Atenas deteve a *hegemonia* marítima, uma vez que a proposta de nosso autor é o retorno desta *hegemonia* ateniense, em detrimento do poder lacedemônico. Durante o quarto subcapítulo trataremos da Guerra entre os Gregos, elencando algumas de suas batalhas e conflitos, por ser contra esta guerra que Isócrates se opõe, colocada por ele como fonte primeira dos males gregos. Finalmente chegando à última parte, que discutirá mais propriamente o período no qual viveu nosso autor, o século IV a.C., e o pensamento pan-helênico ao qual este se vincularia.

1.1 - A formação das *poleis*

Os gregos do Período Clássico possuíam uma forma de organização política muito diferente da nossa, a *pólis*, normalmente traduzida como cidade-estado. Podemos defini-las como comunidades humanas compostas pelos cidadãos (*polítai*), sendo cada *pólis* um sistema de governo autônomo, possuidor de leis próprias e de instituições semelhantes – como assembleia, conselho e magistrados. Assim, se por um lado não podemos confundir a *pólis* com o território (*chora*) no qual se localizava¹³, por outro percebemos que a ocupação do espaço geográfico acidentado, somado a fatores religiosos, culturais e econômicos podem ter contribuído para a constituição desta nova forma de organização política¹⁴. Além disso, é necessário lembrar que nem todos os habitantes de um determinado território pertenceriam à comunidade cívica, sendo escravos, dependentes e estrangeiros excluídos da cidadania¹⁵.

Pierre Vidal-Naquet afirma que o século VIII a.C. foi muito importante para o mundo grego e mediterrâneo, pois teria sido nesta época que a *pólis* se consolidaria¹⁶. Ao longo deste século, a forma de organização que tinha por base os senhores aristocráticos locais e a lealdade da família, clã e seguidores, aos poucos se torna mais complexa, uma vez que estes passariam a reconhecer a autoridade central de uma família¹⁷. Neste sentido, Peter V. Jones destaca o caráter processual da formação das cidades quando comenta unificação do território da Ática, que se estenderia até o século V a.C., segundo o autor, não sendo, portanto, a obra de um único homem¹⁸. Igualmente, supõe-se que a noção de cidadão tenha sido forjada aos poucos, pertencendo inicialmente a uma aristocracia guerreira que tomaria as

¹³ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C.; TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.240.

¹⁴ Ibid. p.61.

¹⁵ Ibid.240.

¹⁶ VIDAL-NAQUET, P. *O Mundo de Homero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.15.

¹⁷ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.3

¹⁸ Idem.

decisões comuns, e que posteriormente, com a ampliação da função guerreira, passaria a outras camadas da sociedade ¹⁹. Desta forma, se levarmos em conta que cada *pólis* teve também um desenvolvimento interno, associando-o ao caráter autônomo que possuíam, podemos compreender que estas aderissem a formas políticas diferentes – democracias, oligarquias ou mesmo monarquias – e mesmo que algumas tivessem uma concepção de cidadania mais ampla do que outras.

A oposição sempre declarada sobre Atenas e Esparta deve-se também a esta autonomia das *póleis*, uma vez que estas aparecem sempre ligadas às ideologias referentes aos sistemas políticos, democrático e oligárquico, respectivamente. Se por um lado podemos relativizar esta associação imediata, por outro suas histórias, que em muitos pontos se entrelaçam, podem nos mostrar os motivos que levaram a ela e como estes regimes foram estabelecidos – principalmente no caso da democracia ateniense, cidade sobre a qual existem mais registros.

O pouco que os historiadores sabem sobre a *pólis* espartana parece sempre vinculá-la a uma forte tradição guerreira. Mario Curtis Giordani comenta que invasores dórios teriam tomado a região por volta do século IX a.C. e fundado a partir de quatro antigas aldeias a cidade de Esparta ²⁰. A partir do século VIII a.C. começaria a se expandir, conquistando comunidades próximas, algumas das quais atribuiriam a categoria de *períoikoi* (“moradores do em torno”), enquanto outros como os messênios, após sua sublevação no século VII a.C., seriam transformados em servos, “hilotas” ²¹. Por isso, Giordani veria nos espartanos um isolamento proposital ²², uma vez que manteriam esse distanciamento das demais populações que iriam conquistando. Assim, formariam uma sociedade na qual a noção de elite coincidiria com a de homens livres e de cidadãos, que se dedicaria à virtude da guerra ²³. Ademais, sobre a organização interna Claude Mossé conta que a tradição sobre a criação das leis que regulariam a organização dos poderes e da vida social

¹⁹ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.61.

²⁰ GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.p.111.

²¹ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.4-5.

²² GIORDANI, M.C. loc.cit.

²³ CANFORA, L. O Cidadão. In.:VERNANT, J-P. *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.p.105.

e econômica, atribuídas a Licurgo, não seriam mais aceitas na atualidade ²⁴, todavia, mesmo essa parece delinear uma Esparta oligárquica.

Sobre a história de Atenas e o estabelecimento de sua democracia sobreviveram mais informações. Embora alguns historiadores duvidem de sua autenticidade, costuma-se ligar as origens da democracia às leis de Drácon, que, no século VII a.C. teria tentado “substituir a justiça familiar por uma lei comum” ²⁵, intentando responder aos descontentamentos do período ²⁶. Outro que tentou solucionar os problemas da *pólis* ateniense foi Sólon, arconte em 594/593 a.C., que instituiria uma lei mais completa do que seu antecessor, tentando por fim à dependência e o endividamento dos camponeses – questão que dividia a cidade na época ²⁷ – definindo também quatro classes a partir das rendas, não mais por nascimento, e criando a *boulé*, rompendo assim com a exclusividade dos eupátridas.²⁸ No entanto, a aristocracia continuaria lutando pela liderança da *pólis*, e em 561/560 a.C., Pisístrato tomaria o poder como tirano com o apoio da população, sendo derrubado por duas vezes e consolidando-se apenas em 546 a.C. Após sua morte, o poder passaria a seu filho Hípias, que seria expulso em 510 a.C., quando o rei espartano Cleômenes auxilia os aristocratas atenienses que haviam sido exilados, tornando a *pólis* novamente oligárquica ²⁹. Dois anos depois, Clístenes, apoiando-se no *demos*, faria uma série de reformas que modificaria ainda mais as estruturas da sociedade ateniense ³⁰. Seria ele quem dividiria a cidade em 10 tribos, cada qual possuindo uma parte de cada região – cidade, litoral e interior – misturando as populações e eliminando a influência das famílias locais; além de transformar o *demos* na base estrutural, substituindo o uso dos nomes de famílias pelos nomes dos demos, para que não se fizessem distinção entre os atenienses de nascimento e os *neopolitai* ³¹. Já no século V surgiriam as figuras de Temístocles e Péricles, sendo o primeiro importante no desenvolvimento da democracia, pois a

²⁴ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.121.

²⁵ MOSSÉ, C. *Péricles: O inventor da democracia*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2008.p.30-31.

²⁶ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.6.

²⁷ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. op. cit. p.48-49.

²⁸ JONES, P. V. loc. cit.

²⁹ Ibid. p. 8-9. MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. op. cit. p.49.

³⁰ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. loc. cit.

³¹ MOSSÉ, C. op. cit. p. 36-37.

elaboração da sua frota naval ³² inseriria os *tetes* no âmbito da cidadania, ocasionando um novo alargamento ³³. Quanto a Péricles, este entraria no mundo político como acusador de Címon, que teria relações com o rei macedônio, então colaborador do Rei persa ³⁴; além disso, seria ele quem estabeleceria uma remuneração para funções públicas ³⁵, possibilitando talvez que determinados cargos fossem ocupados por pessoas de classes censitárias mais baixas ³⁶.

Com esse breve esboço, podemos perceber não apenas que a instituição de um sistema democrático como o que encontraremos na Atenas do século IV a.C. faz parte de um longo processo, como também que fatores externos à própria cidade contribuem para o delineamento de seu formato. Uma vez que, no princípio as transformações propostas parecem visar à resolução de problemas a níveis locais – como acabar com as disputas das famílias, por exemplo – posteriormente, fica evidente que suas relações com as demais cidades contribuem na definição de seu sistema – seja pelas intervenções de Esparta nas tentativas de restabelecimento de uma oligarquia, ou mesmo na expansão da cidadania possibilitada pela inserção dos *tetes* na frota naval. Da mesma forma, a oligarquia espartana deve ter sido formatada pela evolução interna e externa de sua cidade, da qual temos pouco conhecimento, mas parece se fundamentar em uma aristocracia guerreira.

³² MOSSÉ, C. *Péricles: O inventor da democracia*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2008.p. 47.

³³ CANFORA, L. O Cidadão. In.:VERNANT, J-P. *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.p.109.

³⁴ MOSSÉ, C. op. cit. p.62.

³⁵ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.23.

³⁶ MOSSÉ, C. op.cit. p. 77-78.

1.2 – As Guerras entre Gregos e Persas

Após a conquista feita pelos persas, estes começam a expandir-se para o oeste. Quando em 546 a.C. estes derrotam Creso, rei da Lídia, as cidades gregas da Jônia que se encontravam no domínio deste são também anexadas pelo rei Ciro ³⁷. Seus sucessores continuariam este movimento passando para a Trácia e Macedônia; no entanto, as cidades jônicas se sublevariam, em 499 a.C. A cidade de Mileto teria enviado Aristágoras ao continente em busca de auxílio, mas apenas Atenas e Erétria atenderiam ao chamado ³⁸. Se por um lado podemos pensar que o envolvimento ateniense se deva ao fato da tradição ligá-los à fundação da maior parte dessas cidades ³⁹, por outro Peter V. Jones lembra que o ex-tirano Hípias estava nesta época em contato com a corte persa ⁴⁰, sendo uma possível ameaça para a cidade. O mais importante neste caso, é terem sido enviadas expedições de ajuda aos revoltosos, que incendiariam Sardes, uma das capitais persas, o que os levaria, anos mais tarde, a voltar-se contra as cidades que teriam apoiado os revoltosos – em especial Atenas ⁴¹.

Assim, no ano de 490 a.C. o agora rei Dario organizaria uma expedição contra as *poleis* que teriam dado seu apoio aos jônios. Inicialmente se apossariam das Cíclades e após Erétria ⁴², que lhes foi entregue por traição e que serviria de ponte para o desembarque em Maratona, ao nordeste da Ática ⁴³. Enquanto recorriam aos espartanos em busca de auxílio, os atenienses derrotam persas com a ajuda apenas dos plateenses, aumentando o prestígio da cidade ⁴⁴. Peter V. Jones afirma que a democracia ateniense teria sido estimulada por essa vitória, uma vez

³⁷ COOK, R.M. *Os gregos até Alexandre*. Lisboa: Editorial Verbo, 1966. p.53.

³⁸ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.10.

³⁹ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.197.

⁴⁰ JONES, P. V. loc. cit.

⁴¹ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. loc. cit.

⁴² MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p. 34.

⁴³ JONES, P. V. (org). loc. cit. p. 11.

⁴⁴ MOSSÉ, C. op. cit. p.34-35.

que a derrota poderia ter significado a imposição de uma nova tirania sob o comando de Hípias ⁴⁵. Desta forma, com a vitória de Atenas e o retorno dos persas terminaria o que conhecemos atualmente como Primeira Guerra Médica, mas que estaria longe de ser o final dos conflitos entre persas e gregos.

Durante os anos que antecederiam os novos embates, seriam descobertas as minas de prata do Láurio, em 483 a.C., fator aproveitado por Temístocles, que convenceria os atenienses a utilizar seus recursos na construção de uma grande frota naval, que seria importante tanto nas batalhas contra os persas quanto para o desenvolvimento da cidade nos anos que seguiram – possibilitando o domínio do mar ⁴⁶ e o alargamento da cidadania, uma vez que os marinheiros seriam recrutados entre os membros das classes censitárias mais baixas ⁴⁷. Além disso, Temístocles também já havia iniciado a transformação do Pireu em estaleiro e porto fortificado ⁴⁸. No entanto, quando os persas retornaram sob o poder de Xerxes, dez anos após Maratona, os espartanos ainda representavam uma potência militar mais elevada, cabendo a eles o comando por terra e mar contra o invasor ⁴⁹. Diante do ataque simultâneo dos persas, os gregos escolheriam interceptá-los por terra no desfiladeiro das Termópilas, por ser um ponto estratégico entre o mar e as montanhas, enquanto no mar optariam por Artemísion, no norte da Eubéia. Em Termópilas, o exército persa conseguiria avançar somente após ter sido informado sobre uma trilha nas montanhas que permitiu atacar o contingente grego, dirigido pelo rei espartano Leônidas, pela retaguarda, dando-lhes a vitória. Enquanto isso, no mar os embates permaneciam indecisos, mesmo havendo algumas capturas; assim, quando informados da derrota de Leônidas, eles decidem rumar para o sul ⁵⁰. Em Atenas, Temístocles convence a população a evacuar a cidade e posiciona sua frota em Salamina, onde vencem os persas em 480 a.C. Após este episódio, o rei Xerxes decide recuar, deixando apenas um exército sob o comando de Mardônio instalado

⁴⁵ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p. 12.

⁴⁶ Ibid. p. 13.

⁴⁷ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.198.

⁴⁸ JONES, P. V. (org). loc. cit.

⁴⁹ MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p. 36.

⁵⁰ JONES, P. V. (org). op. cit. p. 14-15.

na Tessália. No ano seguinte, esta entraria em ofensiva contra a Beócia e depois Atenas, que é novamente abandonada. Os espartanos, liderados por Pausânias, partiriam em reforço e junto aos atenienses e obteriam êxito na batalha de Platéia ⁵¹. Embora esta tenha sido o último confronto na Grécia continental, outros embates ocorreriam nas ilhas do Egeu e nas *poleis* da costa asiática, uma vez que os gregos, sobretudo atenienses, partiriam numa campanha de libertação desses territórios da dominação persa ⁵².

Segundo Claude Mossé, se por um lado Atenas teria saído das guerras abalada, devido as invasões e destruições, de outro estava engrandecida pelas vitórias – de Maratona e Salamina – que teriam sido decisivas para a vitória grega. Além disso, a autora comenta que os atenienses saberiam tirar proveito da repercussão moral e política deste fato, encarregando-se da libertação das cidades que ainda estariam sob o domínio persa e com o intuito de impedir novas ofensivas⁵³. Por fim, em 478/477 a.C é estabelecida uma aliança voluntária entre Atenas e algumas cidades do Egeu, na qual cada membro deveria contribuir com navios ou pagamentos ⁵⁴. Assim, o dito Imperialismo Ateniense teria sido, em certa medida, possibilitado por esses eventos precedentes, que por um lado ressaltariam a oposição entre gregos e bárbaros, e de outro levaria a conflitos no interior da Hélade.

⁵¹ MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p. 37-39.

⁵² MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.198.

⁵³ MOSSÉ, C. op. cit. p. 39.

⁵⁴ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p. 19.

1.3 – A Liga de Delos

A cidade de Atenas se encontrava devastada depois das últimas batalhas contra os persas no interior da Grécia continental, e novamente a figura de Temístocles aparece em destaque, iniciando a reconstrução das muralhas e do Pireu, enquanto distraía os espartanos, que eram contra a fortificação da cidade ⁵⁵. Esta reforma seria necessária tanto para abrigar a frota ateniense, quanto para, em caso de invasão, servir de abrigo para a população da cidade ⁵⁶. Mossé afirma que o porto do Pireu reforçava a pujança da população urbana, que se tornava o centro da vida política e que não estavam vinculados à aristocracia rural ⁵⁷, demonstrando uma modificação social importante. Durante este período, forma-se também a Liga de Delos (478/477 a.C.), uma aliança voluntária cujo intuito, segundo Peter V. Jones, seria compensar as perdas saqueando territórios persas ⁵⁸, e/ou, como expressa Claude Mossé, libertar as ilhas e cidades gregas que permaneciam na mão do Grande Rei persa ⁵⁹.

Após uma série de vitórias nas ilhas do Egeu e na costa da Ásia Menor, a Liga de Delos parte em socorro ao Egito que se rebela em 459 a.C., obtendo êxito a princípio, tem suas forças destruídas em 454 a.C. ⁶⁰. Neste mesmo ano, o tesouro da Liga, guardado em Delos, era transferido para a Acrópole de Atenas ⁶¹ que, apesar de teoricamente não poder utilizá-lo, dispôs dele na construção de monumentos para a Acrópole sob o pretexto de terem sido destruídos pelos persas ⁶². Todavia, esta apropriação do tesouro só seria possível devido ao pensamento emergente de

⁵⁵ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p. 19.

⁵⁶ MOSSÉ, C. *Pérides: O inventor da democracia*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2008.p.51.

⁵⁷ MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p.41.

⁵⁸ JONES, P. V. loc. cit.

⁵⁹ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.198.

⁶⁰ JONES, P. V. (org). op. cit. p.20-21.

⁶¹ GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.p.124.

⁶² MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p.51.

que teriam direito de usufruir da prosperidade trazida pela liga, além da ideia de se adequar a cidade à liderança de um “império”. Assim, parece que aos poucos a preponderância que Atenas tinha sob a Liga de Delos vai se transformando no que costuma ser denominado atualmente Império de Atenas ⁶³, porém, este termo pode não ser o mais adequado. Como demonstra a historiadora Claude Mossé, a palavra “imperialismo” é alheia à língua grega:

“O que inicialmente uniu os gregos em torno de Atenas logo depois da segunda guerra médica foi uma *symmachia*, uma aliança militar, destinada a garantir sua defesa comum contra a volta da ameaça persa. Mas uma aliança militar tinha necessidade de um chefe, um *hegémon*, e é o termo *hegemonia* que Tucídides usa para definir a autoridade que os aliados (*hoi sumachoi*) delegam aos atenienses” ⁶⁴.

Além disso, a autora comenta que, segundo Tucídides, a hegemonia colocada nas mãos dos atenienses teria se transformado, com Péricles, em “um poder, uma arquê, no limite, uma tirania” ⁶⁵, sendo preferível a utilização do termo arquê, por este definir uma autoridade política e militar que subordinaria as demais cidades ⁶⁶.

Normalmente atribui-se a ele, Péricles, o Renascimento da cidade de Atenas após a destruição promovida pelos persas e a instituição de remuneração aos cargos públicos, mas também teria sido ele a fortalecer o domínio ateniense sob o mar, passando mesmo a interferir na política interna das cidades impondo-lhes a democracia. Além disso, começaria a ser demandado o pagamento de tributos aos aliados ⁶⁷ e nas cidades que decidissem abandonar a aliança começariam a ser instaladas clerúquias – uma espécie de colônia de soldados atenienses que eram

⁶³ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.22.

⁶⁴ MOSSÉ, C. *Péricles: O inventor da democracia*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2008.p.94.

⁶⁵ Ibid.p. 88.

⁶⁶ Ibid. p.102.

⁶⁷ GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.p.125.

estabelecidas nas cidades dissidentes ⁶⁸. Devemos notar também que, como aponta a historiadora Claude Mossé, a conquista do Egeu se mostraria fundamental para o abastecimento de grãos e também para o equilíbrio social, uma vez que vinculariam o bom funcionamento do sistema democrático ao poder que teriam adquirido com a Liga de Delos ⁶⁹.

1.4 – A Guerra entre os Gregos

Não tardaria para que esta *arqué* ateniense começasse a estimular as rivalidades entre cidades, principalmente no que diz respeito Atenas e Esparta. No entanto, os eventos que marcariam o princípio da Guerra do Peloponeso diriam respeito à intervenção de Atenas nos assuntos de duas colônias de Corinto – Corcira e Potidéia – além da elaboração do Decreto de Mégara, que os excluía dos portos e mercados por serem colaboradores de Corinto, ⁷⁰ este pertencente à liga peloponésia a quem pediria auxílio. Então se inicia, em Esparta, uma assembleia para julgar se teria ocorrido ou não a quebra do tratado paz e a possibilidade de uma guerra, votando-se por esta, segundo Mossé, mais pelo temor de que Atenas ampliasse seus poderes ⁷¹.

Em seguida, os espartanos atacam a Ática, e Péricles, acreditando que se trataria de uma guerra curta, convence os atenienses a se refugiarem dentro das muralhas da cidade. Estratégia que acabaria se voltando contra eles, uma vez que a epidemia de “peste” de 430 a.C., provavelmente proveniente do Egito, apenas se agravaria, devido à condição de enclausuramento, ocasionando a morte do próprio

⁶⁸ MOSSÉ, C. *Péricles: O inventor da democracia*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2008.p.97.

⁶⁹ MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p.52.

⁷⁰ GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.p.125-126.

⁷¹ MOSSÉ, C. *Péricles: O inventor da democracia*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2008.p.104-107.

Péricles. Além disso, os espartanos constantemente devastavam os campos causando o descontentamento da população ⁷². Em contrapartida os atenienses praticariam ataques e pilhagens à costa peloponésia, enquanto realizavam expedições marítimas com o intuito de manter seus aliados submissos ⁷³.

Neste momento alguns aliados de Atenas começavam a desertar, como foi o caso da ilha de Lesbos, que pediria a ajuda de Esparta em troca sua frota para que pudessem assim vencer os atenienses. Todavia, tiveram a sua maior cidade, Mitilene, sitiada e foram obrigados a se render. Inicialmente os atenienses haviam decidido pela morte dos homens e escravidão de mulheres e crianças, mas após debates na assembleia voltariam atrás, sendo convencidos a apenas estabelecer clerúrquias na região – o que teria cativado populações das cidades aliadas. Para Mossé, este seria o momento no qual a guerra tomaria feições políticas, tornando-se a luta entre as ideologias das duas principais cidades ⁷⁴.

Logo após, em uma das expedições de ataque que os atenienses praticavam na costa do Peloponeso, estes resolvem tomar a praça de Pilo, na Messênia. O exército espartano, sob o comando do rei Ágis, que se encontravam na Ática retorna, mas não conseguindo se apoderar de Pilo manda uma embaixada para negociar a paz, que não é aceita pelos atenienses ⁷⁵. Parece haver no período uma divisão em Atenas, entre aqueles partidários de uma política mais defensiva, inclinada a fazer alianças com Esparta, e os que preconizariam a ofensiva por terra e mar; sendo os primeiros representados por Nícias e os últimos por Cléon ⁷⁶. A partir da tomada de Pilo, os espartanos começaram a ameaçar zonas vitais à *arquê* ateniense, pretendendo tomar o domínio do Egeu; talvez por isso a confiança que depositariam em Cléon. Quando em meio à guerra que prosseguia em diversos campos de batalha o rei Brásidas de Esparta toma Anfípole, uma trégua entre Atenas e Esparta é estabelecida. Cléon aproveita o momento para reforçar a o esforço de guerra ateniense para que, em seguida, levasse um exército à Anfípole

⁷² MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.224. e GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.p.126.

⁷³ MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p.69. e MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. op. cit.p.225.

⁷⁴ MOSSÉ, C. *ibid.* p. 67-69

⁷⁵ MOSSÉ, C. *ibid.* p.69-70.

⁷⁶ GIORDANI, M.C. *loc. cit.*

na tentativa fracassada de retomá-la, episódio que ocasionaria a sua morte e a de Brásidas, possibilitando a paz acordada pelos partidários de Nícias, em 421 a.C.⁷⁷

Apesar de o tratado prever cinquenta anos de trégua, a paz seria rompida em 415 a.C. devido à expedição ateniense enviada à Sicília – na qual as principais cidades eram colônias espartanas⁷⁸. Nesta ocasião, Segesta teria pedido a ajuda de Atenas contra Selinonte, havendo divisões de pensamento no interior da *pólis* sobre uma nova intervenção na ilha⁷⁹. Novamente, a parte da população que habitava os campos desejava a paz, alinhando-se à política de Nícias, que mais uma vez mostrava-se contra a ofensiva. Opondo-se estes, encontrava-se a população urbana, que se beneficiava das guerras obtendo soldo e vantagens materiais, e Alcibíades, que iniciava a vida política e neste momento rivalizava com Nícias⁸⁰. Tendo sido votado a favor da expedição, a frota ateniense seria enviada, entretanto Alcibíades, que era um dos comandantes, seria chamado a comparecer em Atenas por ter seu nome associado à mutilação das estátuas de Hermes, mas preferiria fugir para Esparta, passando a auxiliá-los⁸¹. Por conselho deste, os espartanos enviariam uma expedição para a Sicília – o que contribuiria para a derrota ateniense – e invadiriam a Ática, montando uma base na Decélia⁸².

Após desavenças em Esparta, Alcibíades buscava auxílio do sátrapa Tissafernes, tentando afastá-lo dos espartanos e reaproximá-lo de Atenas, com o intuito de instaurar um governo oligárquico, para que então pudesse retornar à *pólis*. Para tanto, entraria em contato com a frota ateniense estabelecida em Samos a procura de aliados, dentre os quais, Pisandro, que convenceria os atenienses da necessidade de retorno de Alcibíades e da modificação no sistema democrático. Em 411 a.C. o regime oligárquico seria estabelecido em Atenas, todavia, grande parte dos cidadãos se encontrava fora da cidade, e assim que a notícia chegou a Samos

⁷⁷ MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p.71.

⁷⁸MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 225. e MOSSÉ, C. op. cit. p.75.

⁷⁹ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.33.

⁸⁰ MOSSÉ, C. op. cit. p.73-75.

⁸¹ MOSSÉ, C. ibid. p.76-77.

⁸² GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.p.127.

causou revolta e a recusa ao novo regime, sendo a democracia restabelecida em pouco tempo (410 a.C.)⁸³.

Neste meio tempo a guerra continuava no Egeu, tendo o próprio Alcibíades conquistado algumas vitórias que o permitiriam retornar a Atenas. No entanto, os persas logo voltariam a patrocinar os espartanos, que sob o comando de Lisandro obteriam uma vitória decisiva em Egospótamos, em 405 a.C. Em seguida, partiriam para a Ática, sitiando por terra e mar a cidade de Atenas. Aos atenienses restaria apenas a tentativa de negociação, na qual acabariam sendo obrigados a aceitar as condições espartanas, dentre elas, a destruição das muralhas, a diminuição da frota e o reconhecimento da hegemonia espartana⁸⁴. Além disso, Lisandro e sua tropa apoiariam um novo golpe oligárquico em Atenas, sendo instituído um conselho de 30 homens que deveriam elaborar uma nova constituição, mas que ao que parece teriam aproveitado para perseguir seus opositores, gerando mortes e ocasionando deserções e divisões dentro da própria oligarquia⁸⁵.

Todavia, logo os democratas, que estavam exilados em Tebas, tomariam o porto do Pireu a partir da fortaleza de File. Desta vez, o rei espartano Pausânias teria preferido uma política de conciliação perante o ressurgimento da democracia, não desejando se colocar entre os dois grupos políticos de Atenas. Diante disso, os oligarcas se veriam obrigados a se refugiar em Elêusis. Assim, a democracia seria restaurada gradualmente a partir de 403 a.C., havendo a revisão de códigos legais e a reintrodução do pagamento dos cargos⁸⁶.

⁸³ MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p.79-83. e JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.37-39.

⁸⁴ MOSSÉ, C. *ibid.* p. 88-90. e JONES, P. V. (org). *ibid.*p.40-42.

⁸⁵ MOSSÉ, C. *ibid.* p. 93-96. e JONES, P. V. (org). *ibid.* p.41-42.

⁸⁶ MOSSÉ, C. *ibid.* 97-98. e JONES, P. V. (org). *ibid.* p.42.

1.5 – O século IV a.C. e o pan-helenismo

Apesar da batalha de Egospótamos ser apontada como marco final da Guerra do Peloponeso, os conflitos entre as *poleis* gregas continuariam nos últimos anos do século V a.C. e durante o século IV a.C. A *hegemonia* conquistada por Esparta logo traria descontentamentos às demais cidades; tanto devido à intervenção espartana, que instaurou oligarquias de dez homens em muitas cidades, quanto por ignorarem os interesses de suas aliadas na guerra, ficando com todo o butim e deixando sem recompensa cidades como Tebas e Corinto ⁸⁷. Assim, quando em 401 a.C. os espartanos são envolvidos na disputa ao trono persa ⁸⁸, enviando uma frota ao auxílio de Ciro; e depois da morte deste, correm em auxílio às cidades gregas que o tinham ajudado, em 396 a.C.; as cidades gregas aproveitariam a ausência do rei espartano Agesilau ⁸⁹.

Em 395 a.C., os tebanos pedem ajuda aos atenienses – cuja democracia havia sido restaurada, mas continuava presa aos acordos com Esparta – contra a cidade peloponésia. Esta aliança sairia vitoriosa na batalha de Haliarto, atraindo as cidades de Corinto e Argos, que se uniriam a elas. No ano seguinte, após as vitórias espartanas nas batalhas do rio Neméia e de Coronéia, estes sofreriam uma grande derrota contra a frota persa, que estava sob o comando do sátrapa Farnábazo e do ateniense Cônnon, em Cnido. Além disso, Cônnon levaria a frota à Atenas para ajudar na reconstrução das Grandes Muralhas, sendo sua posição de mercenário dos persas logo esquecida, enquanto os persas desalojaram as guarnições espartanas do Egeu ⁹⁰.

Com os novos conflitos parece renascer no horizonte ateniense a possibilidade de restaurar sua antiga posição hegemônica. Assim, estes se

⁸⁷ JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.43.

⁸⁸ Com a morte de Dario em 405/404 a.C. seus filhos Artaxerxes e Ciro disputariam o trono, pertencente ao primeiro. *idem*.

⁸⁹ *ibid.* p.43-44.

⁹⁰ *Ibid.* p.44.

aproveitando que os persas haviam expulsado os espartanos do Egeu, tentaram restabelecer-se nos estreitos. Além disso, se notaria um retorno às práticas do século V a.C. como a cobrança de impostos aos antigos aliados ⁹¹. Percebendo este poder crescente de Atenas, os espartanos procurariam restabelecer as boas relações com os persas; procurando-os em 392 a.C. com o intuito de firmar um acordo de paz que foi negado. Todavia, em 386 a.C. o rei convocaria as cidades a tratarem o que seria a primeira “paz comum”, que ficaria conhecida como a Paz do Rei ou a Paz de Antálcidas – espartano responsável pelo acordo – segundo a qual seria reconhecido o domínio persa nas cidades da Ásia e a autonomia das cidades do continente ⁹².

No entanto, como aponta Jones, esse tratado serviria mais para resolver os problemas de Esparta e da Pérsia do que promover bases reais para uma paz no território grego ⁹³. Assim, os espartanos que, segundo Giordani, teriam saído fortalecidos ⁹⁴, aproveitariam a Paz do Rei para reafirmar a sua *hegemonia* na Grécia. Apenas um ano após o tratado, eles dominariam Mantinéia, desmembrando-a em quatro aldeias de onde teriam se originado. Nos anos seguintes reagiriam também a problemas na cidade de Fliunte, na qual substituiriam o governo democrático pelo oligárquico; e na região da Calcídica, onde algumas cidades pedem auxílio contra uma liga que se formava, sediada por Olinto, que acaba submetida pelos espartanos ⁹⁵. Desta forma, podemos perceber que mesmo com a Paz do Rei os conflitos entre os gregos não cessariam, e que a intervenção direta na política das cidades conquistadas continuariam sendo uma prática.

Seria neste momento conflituoso da história grega que nasceria a corrente de pensamento conhecida como Pan-helenismo, cujo objetivo seria restabelecer a concórdia entre os gregos e voltar-se contra o perigo bárbaro, pois acreditavam que “apenas a união dos gregos permitiria a resolução dos graves problemas

⁹¹ MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p.105. e JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.45.

⁹² GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.p.129., JONES, P. V. (org). *idem.* e MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p.105.

⁹³ JONES, P. V. (org). *idem.*

⁹⁴ GIORDANI, M.C. *loc. cit.*

⁹⁵ JONES, P. V. (org). *op. cit.* p.45-46.

enfrentados pelas cidades gregas”⁹⁶. Além disso, Werner Jaeger aponta que se por um lado esta nova corrente seria fruto da cultura e educação, de outro impulsionaria a *paideia* grega. Afirma ainda que o pan-helenismo criava “uma esfera de vínculos morais que ultrapassava as fronteiras da cidade-estado e punha certos limites à egoísta política de força dos Estados isolados”⁹⁷. Mossé comenta que os santuários pan-helênicos ajudavam a reforçar esse sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade, sendo compreensível que este tenha sido expresso inicialmente nos discursos “olímpicos” – como os de Górgias, Lísias e Isócrates⁹⁸.

⁹⁶ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.220.

⁹⁷ JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p.1098.

⁹⁸ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. loc. cit.

2- Isócrates e seu *Panegírico*

Neste capítulo apresentaremos a princípio o autor de nossa fonte, Isócrates, recuperando neste primeiro subcapítulo alguns aspectos da sua vida e de seu pensamento que consideramos importantes para a compreensão de sua obra. Em seguida, durante a segunda parte trataremos mais especificamente de seu discurso *Panegírico*, inicialmente trazendo um panorama geral sobre esta fonte, para então nos debruçarmos sobre sua análise.

2.1- Isócrates: vida e pensamento

O que sabemos sobre a vida de Isócrates, além do que este deixa transparecer em seus escritos, provém segundo Juan M. G. Hermida de uma biografia de Dionísio de Halicarnasso, da *Vida dos 10 oradores* do Pseudo-Plutarco e de uma *Vida Anônima* de Zózimo⁹⁹. Isócrates teria nascido em 436 a.C., apenas 5 anos antes do início da Guerra do Peloponeso, e findado sua vida em 338 a.C, segundo a tradição após saber da derrota grega aos macedônios em Queroneia¹⁰⁰.

Seu pai, Teodoro, seria um fabricante de flautas, cuja fortuna teria permitido assegurar a Isócrates e seus irmãos uma boa educação¹⁰¹. Assim, podemos situá-lo no ambiente citadino, pensando que provavelmente não fizesse parte da antiga aristocracia rural, mas de um grupo que havia se beneficiado de alguma forma com a inserção política permitida pela democracia ateniense. Além disso, Claude Mossé

⁹⁹ HERMIDA, J.M.G. Introducción general. In: ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.7.

¹⁰⁰ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.178.

¹⁰¹ CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps*. Paris: Les Belles Lettres. p.5. e HERMIDA, J.M.G. loc. cit.

comenta que assim como os habitantes dos campos sofreriam com a Guerra do Peloponeso, também sofreriam os das cidades, uma vez que com o fim da *hegemonia* ateniense os soldos e salários desapareceriam e a produção artesanal diminuiria por conta das guerras entre os gregos ¹⁰². Fator que possibilita pensar como suas vivências neste período de guerras levaria Isócrates a se posicionar contra as guerras entre os gregos, uma vez que este faria parte de um grupo que sofreria com os conflitos entre as *poleis*, e que por outro lado, se beneficiavam da *hegemonia* que precedeu estas guerras, talvez um dos motivos pelos quais apontaria como a solução dos problemas gregos a guerra contra os persas, além de sua defesa à *hegemonia* ateniense em seu *Panegírico* ¹⁰³.

Embora não apontem os motivos, Cloché e Hermida comentam que Isócrates teria perdido sua fortuna devido à guerra, podendo recuperá-la graças à sua excelente educação ¹⁰⁴. Dentre seus principais mestres, podemos citar Pródico de Céos, Sócrates, Terâmenes e Górgias. Sendo o último visto como sua principal influência, com o qual teria estudado na Tessália, provavelmente durante os anos da Guerra da Decélia (414-404 a.C.), após seu período de educação militar ¹⁰⁵. Além disso, Hermida atenta para o retorno de Isócrates a Atenas ter-se dado no momento de sua capitulação em 404 a.C., quando esta perde sua *hegemonia* e o Governo dos Trinta é imposto pelos espartanos, sendo seu antigo professor Terâmenes ¹⁰⁶ morto ¹⁰⁷.

Novamente em Atenas e tendo perdido seu patrimônio, Isócrates, segundo os autores, por sua timidez e falta de condições físicas, não participaria ativamente da vida política da cidade, mas passaria a trabalhar inicialmente como logógrafo e, após a restauração da democracia, se dedicaria ao ensino da eloquência e retórica,

¹⁰² MOSSÉ, C. *Atenas: A História de uma Democracia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.p. 104.

¹⁰³ HERMIDA, J.M.G. Introducción general.In: ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos.p. 199-250.

¹⁰⁴ CLOCHÉ, P.*Isocrate et son temps*. Paris: Les Belles Lettres. p.5. e ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.9.

¹⁰⁵ CLOCHÉ, P. idem. e HERMIDA, J.M.G. ibid. p.8-9.

¹⁰⁶ Terâmenes faria parte do grupo dos Trinta, mas teria sido condenado por eles por ter exigido o fim da violência e a adoção de uma nova constituição. MOSSÉ, C. op. cit. p.95.

¹⁰⁷ HERMIDA, J.M.G. loc. cit. p.9.

que possibilitaria a ele reconquistar sua fortuna ¹⁰⁸. Seu programa educativo, bem como os de Platão e Aristóteles, estaria vinculado as suas ideias políticas – concepções estas que mudariam conforme a situação política do período ¹⁰⁹.

Desta forma, não podemos nos surpreender se o retórico ateniense defende a democracia em alguns de seus discursos, como é o caso do *Panegírico*, e em outras obras faz elogios à monarquia que antes rechaçava, como em *Nicocles*. Contudo, esta aparente contradição em seus discursos levaria alguns autores a classificá-lo como um oportunista político, enquanto outros compreendendo que esta variação se deve às transformações de cada época, o colocariam como um político realista ¹¹⁰. Laura Sancho Rocher ao analisar estas mudanças presentes na obra isocrática afirma que para Isócrates não haveria um modelo ideal de cidade, mas apenas “elementos a que uma constituição não deve renunciar, que para ele, havia se dado em distintos momentos e lugares” ¹¹¹. Ressalta ainda que o seu ideal de *politéia* seria baseado na

“hierarquia do mérito e da educação, na qual os mais preparados governam com o consentimento da massa, atendendo a leis precisas e iguais a todos, supervisionadas por um rei ou conselho seletivo, mas poucas leis, unívocas e respeitadas” ¹¹².

Além disso, o pensamento de Isócrates se alinharia a corrente do pan-helenismo, sendo o seu primeiro grande discurso político, o *Panegírico*, apontado como uma das principais obras que versa sobre a união das *poleis* gregas contra o inimigo bárbaro ¹¹³. Hermida vincula o pan-helenismo à tradição vinda de Píndaro, Heródoto e Aristófanes, que há muito teriam se referido a uma comunidade grega, a

¹⁰⁸ CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps*. Paris: Les Belles Lettres. p.6. e HERMIDA, J.M.G. Introducción general. In: ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.10-11.

¹⁰⁹ HERMIDA, J.M.G. *ibid.* p.16-17.

¹¹⁰ *Ibid.* p.25.

¹¹¹ Tradução livre do espanhol. ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. In: Gerión, Madrid. v.20, n.1, 2002. p.244.

¹¹² Tradução livre do espanhol. *idem.*

¹¹³ HERMIDA, J.M.G. *op. cit.* p.11. e MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.220.

quem denunciavam o perigo persa. Após estes viriam os predecessores de Isócrates: Górgias, que em seu discurso olímpico de 392 a.C. teria clamado à concórdia grega, já apontando como fim uma guerra aos persas; e seguindo este, Lísias, em 388 a.C, que culpabilizaria os espartanos pelos males gregos e inseriria os tiranos como inimigos, ao lado dos persas ¹¹⁴. Segundo o autor, quatro seriam as obras isocráticas associadas ao pan-helenismo: *Panegírico*, *Filipe*, *Carta a Dionísio* e *Carta a Arquidamo* – que teriam em comum o apelo à união das *poleis* para que se fizesse a guerra aos persas ¹¹⁵.

Além desta vinculação de Isócrates com o pan-helenismo, Cloché destaca que suas contribuições se encontrariam principalmente nos campos da retórica, pedagogia, moral, instituições, diplomacia e política ¹¹⁶. Sendo que em seu pensamento estas áreas não estariam separadas, segundo Philip George Neserius, em Isócrates “moral, filosofia e política estariam intimamente ligadas e entrelaçadas que as vezes é impossível detectar as linhas divisórias” ¹¹⁷. Isócrates uniria o retórico ao prático, deixando o sofístico-teórico em segundo plano, pois compreenderia que a educação deveria ser útil à vida ¹¹⁸. Se pensarmos na importância que a atividade política teria na Atenas desse período, nada mais natural que esta assumisse um papel de grande relevância em seu programa educacional. Assim, Jaeger afirma que o retórico pretendia formar homens que apontassem novos objetivos para a população ¹¹⁹.

Apesar de parecer difícil mensurar a repercussão da obra isocrática, Hermida comenta que estas tiveram algum resultado prático. Segundo ele, não haveria dúvidas, por exemplo, de que o *Panegírico* teria inspirado a fundação da Segunda Liga Marítima e que suas cartas a Felipe teriam inspirado o rei macedônio ¹²⁰. Podemos pensar ainda, que devido ao seu trabalho educacional suas ideias tenham sido propagadas ao menos em certa medida, uma vez que vemos o

¹¹⁴ HERMIDA, J.M.G. Introducción general. In: ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.18-19.

¹¹⁵ Ibid. p.22-24.

¹¹⁶ CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps*. Paris: Les Belles Lettres. p. 5-8.

¹¹⁷ Tradução livre do inglês. NESERIUS, P.G. Isocrates' Political and Social Ideas. In: *International Journal of Ethics*. vol. 43,n.3(Apr., 1933). p.311.

¹¹⁸ HERMIDA, J.M.G. op. cit. p.34. e JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p.1066.

¹¹⁹ JAEGER, W. ibid.p.1068-1069.

¹²⁰ HERMIDA, J.M.G. op. cit. p.30-31.

nome de seu discípulo Timóteo intimamente ligado à formação da Segunda Confederação Marítima ¹²¹. Por outro lado, não devemos imaginar o retórico grego como um indivíduo isolado da sociedade, assim, compreendemos também que os pensamentos de Isócrates, pertenceriam não somente a ele, mas a um grupo ao qual se vincularia.

2.2- *Panegírico*

Como comentamos anteriormente, o *Panegírico* de Isócrates, escrito em 380 a.C., é uma das principais obras pan-helênicas, tanto no que se refere à completude na qual chegou aos nossos dias, como por seu conteúdo, que visa o convencimento das *poleis* sobre vantagens da concórdia entre os gregos para que se dirigissem contra o inimigo comum – os persas ¹²². Hermida afirma que esta seria a primeira obra isocrática com finalidade de propaganda política, sendo seu nome proveniente de *panegyria*, as festas religiosas que eram celebradas durante os jogos de Olímpia, onde desde os fins do século V a.C. estes discursos passariam a ser pronunciados ¹²³. Sendo os santuários pan-helênicos e os jogos ginásticos apontados como elementos que expressariam a harmonia e reforçariam o sentimento de pertencimento comum aos gregos ¹²⁴, não causa admiração que este gênero propagandístico tenha tomado lugar nestes festivais, desde os tempos de Górgias e Lísias.

¹²¹ CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps*. Paris: Les Belles Lettres. p.7.

¹²² MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.220-221.

¹²³ ISÓCRATES. *Discursos I*. Editorial Gredos. p.199.

¹²⁴ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. op. cit. p.220. e JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p.1099.

Além disso, se levarmos em conta a importância dos espetáculos atléticos, dentre os quais figuram os jogos pan-helênicos (como os Jogos Olímpicos) ¹²⁵, associados a certa profissionalização e racionalização da linguagem, que possibilitariam aos retóricos do período jogar com as sensações do público para persuadi-los ¹²⁶, podemos imaginar a amplitude potencial da repercussão dos discursos que neles eram apresentados. Assim, o *Panegírico* costuma ser apontado por autores, como Cloché e Hermida, como a principal influência para a criação da Segunda Confederação Marítima, na qual seu discípulo Timóteo, filho de Cónon, esteve intimamente ligado ¹²⁷. Todavia, não devemos esquecer que este discurso se articulava às ideias de educação de Isócrates, que era professor de retórica e pretendia formar homens que apontassem novos rumos para a cidade ¹²⁸ – como parece ser o caso de Timóteo – nem do fato do tema abordado já possuir uma legitimidade devida à tradição que o precedeu.

Outro fator que parece depor a favor da aceitação das ideias de Isócrates é o fato de seus discursos terem chegado a nossos dias, por mais que seus principais manuscritos, como aponta Hermida, tenham sido produzidos entre os séculos IX e XV d.C. ¹²⁹, não lhes sendo contemporâneos. Desta forma, além da compreensão de que a obra isocrática tenha de alguma forma repercutido em seu tempo e em épocas posteriores, possibilitando a nós o contato com esta; podemos nos questionar sobre as perdas que estes documentos possam ter sofrido no longo processo de cópia e tradução que fez com que chegassem até nossos dias. Assim, antes de iniciarmos a análise de um de seus discursos, o *Panegírico*, é importante expor que este foi feito a partir de uma tradução ao espanhol dos escritos de Isócrates elaborada por Juan Manuel Guzmán Hermida ¹³⁰, o que pode ter impossibilitado em certos casos uma análise mais profunda de certos termos.

¹²⁵ SEGAL, C. O ouvinte e o espectador. In.: VERNANT, J.-P. *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994. p.178.

¹²⁶ SEGAL, C. *ibid.* p.186.

¹²⁷ CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps*. Paris: Les Belles Lettres. p.7. e HERMIDA, J.M.G. Introducción general. In: ISÓCRATES. *Discursos I*. Editorial Gredos. p.30.

¹²⁸ JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.1068-1069.

¹²⁹ HERMIDA, J.M.G. *op. cit.* p.36-37.

¹³⁰ ISÓCRATES. *Discursos I*. Editorial Gredos.

Por tratar principalmente dos assuntos referentes às relações entre as *poleis* gregas e destas com os povos bárbaros, o *Panegírico* e a obra isocrática costuma ser estudada por aqueles que desejam compreender as concepções políticas deste retórico ateniense, como Laura Sancho Rocher¹³¹ que analisa os escritos de Isócrates e Demóstenes para tentar compreender as visões da época sobre as fronteiras entre os três sistemas políticos – democracia, oligarquia e monarquia. Outros como Paul Cloché¹³² e Philip George Naserius¹³³, ao analisar suas concepções políticas aproveitariam para destacar as questões sociais, morais e até mesmo pedagógicas, presentes em suas obras. Sendo estas últimas o foco primeiro da análise de Werner Jaeger¹³⁴, que apesar de ter como objetivo uma análise da questão educacional aborda também as questões políticas, uma vez que estas estão interligadas dentro do pensamento isocrático.

Assim, sem perder de vista este panorama ao qual já se debruçaram estes autores, nosso objetivo ao examinar o *Panegírico* será tentar compreender de que forma este retórico entende que existam laços comuns entre os gregos, levando em conta a autonomia tão comentada até a atualidade das *poleis* gregas e igualmente os antagonismos entre as duas maiores cidades – Atenas e Esparta. Utilizaremos para tal, o conceito de identidade apresentado por Jean-Pierre Warnier que a define como sendo “o conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele”¹³⁵. A partir disto, podemos perceber nesta obra isocrática a recuperação de diversos elementos que vinculariam as demais *poleis* à Atenas, construindo uma identidade comum ao passo que demonstrava a primazia de sua cidade em relação às demais, justificando seu desejo de que esta fosse a líder em uma nova aliança grega.

Um dos elementos identitários que observamos no *Panegírico* de Isócrates é a rememoração do passado mítico no qual os atenienses por seu auxílio à Deméter

¹³¹ ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. In: Gerión, Madrid. v.20, n.1, 2002, pp.231-253.

¹³² CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps*. Paris: Les Belles Lettres.

¹³³ NESERIUS, P.G. Isocrates' Political and Social Ideas. In: *International Journal of Ethics*. vol. 43, n.3 (Apr., 1933). p.307-328.

¹³⁴ JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹³⁵ WANIER, J.-P. *A mundialização da cultura*. Bauru: EDUSC, 2003. p.16-17.

teriam recebido desta os dons da colheita e as celebrações dos mistérios, os quais dividiriam posteriormente com os demais gregos:

“En primer lugar, por medio de nuestra ciudad se consiguió lo que primero precisa nuestra naturaleza; y aunque la tradición haya quedado como algo legendario, conviene, no obstante, relatarla. Al llegar Deméter a esta tierra, cuando estaba errante tras el rapto de Core, fue benévolamente tratada por nuestros antepasados, con unos servicios que no pueden entender sino los iniciados, y les dio dos tipos de recompensas: las más importantes fueran las cosechas, causa de que no vivamos como fieras, y la celebración de los misterios, que dan a los iniciados las más dulces esperanzas para el final de la vida y para toda la eternidad. Nuestra ciudad amó tanto a los dioses y a los hombres que cuando fue señora de bienes tan importantes, no los ocultó a los demás, sino que hizo partícipes a todos de lo que recibió”¹³⁶

Essa pequena história parece demonstrar de forma clara as vinculações entre as cidades, mais diretamente mostrando tradições das quais comungavam – o cultivo e os mistérios – em segunda análise, permite pensar que o retórico formula em seu discurso uma cadeia que liga as demais cidades à Atenas por elos de reciprocidade¹³⁷, na qual esta permaneceria em posição de destaque em relação às demais, justificando assim sua prerrogativa de *hegemonia*. Em seguida, Isócrates procura demonstrar a legitimidade deste passado mítico afirmando que “la mayoría de las ciudades, como recuerdo del antiguo favor, nos envían cada año las primicias del trigo, y, a algunas que dejaban de hacerlo, la Pitia, les ordenó llevar su parte de las cosechas y cumplir las tradiciones con nuestra ciudad.”¹³⁸ Então, segundo o

¹³⁶ ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.206-207.

¹³⁷ Conceito emprestado da antropologia, no qual, segundo Maurice Godelier, as relações sociais e hierárquicas se organizam a partir das prerrogativas básicas da reciprocidade – dar, receber e retribuir. GODELIER, M. *O Enigma do Dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

¹³⁸ ISÓCRATES. op. Cit. p.207.

discurso, o benefício dado no passado estaria sendo reconhecido no presente, não apenas por ele e sua cidade, mas também pelas demais, reforçando os laços de união produzidos pela reciprocidade. Sendo a tradição, segundo Warnier, como um modo de transmissão da cultura, aquilo que persiste no presente de um passado, o que dele é aceito e continua a ser transmitido ¹³⁹.

Um segundo ponto que podemos levantar é quanto às celebrações comuns, sobre elas o retórico ateniense proclama:

“Con razón son aplaudidos quienes establecieron las fiestas solemnes porque nos transmitieron esta costumbre de que, después de hacer libaciones y terminar las enemistades existentes, nos reunamos en un mismo lugar y que, tras esto, con invocaciones y sacrificios celebrados en común, nos acordemos del parentesco que existe entre nosotros, nos tratemos unos con otros con benevolencia en el futuro, renovemos los antiguos lazos de hospitalidad y hagamos otros nuevos; que no sea ocioso este tiempo ni para las personas corrientes ni para los que se distinguen por sus condiciones naturales, sino que una vez reunidos los griegos, unos muestren sus facultades, y otros los vean compitiendo entre sí, sin que nadie se aburra, y cada uno tenga un motivo de orgullo: los unos cuando vean que los atletas compiten en su honor y los otros al pensar que todos vienen a contemplarlos. Y aunque estas reuniones nos producen tantos bienes, ni siquiera en esto se dejó aventajar nuestra ciudad.”¹⁴⁰

Ainda associada à ideia exposta de tradição, relembrando o parentesco e renovando os laços de hospitalidade, as festas solenes a que se refere Isócrates, seriam as que festas dos santuários pan-helênicos às quais alude Claude Mossé ao comentar que seriam locais onde os sentimentos de pertencimento seriam reforçados ¹⁴¹. Assim, ao exaltar estas celebrações, como as Festas Olímpicas para a qual o *Panegírico* se destinava, o retórico também delineava um panorama mais

¹³⁹ WANIER, J.-P. *A mundialização da cultura*. Bauru: EDUSC, 2003. p.12.

¹⁴⁰ ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.210-211.

¹⁴¹ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.220.

amplo, passando pelo plano cultural – ao tratar de libações, invocações e sacrifícios – e das relações, de certa forma, pessoais – quando coloca a lembrança do parentesco e a renovação dos laços de hospitalidade – demonstrando práticas comuns que interligariam os habitantes das diversas *poleis*. Logo após o ateniense comenta sobre as competições que ocorreriam nestas ocasiões, sendo elas outro aspecto cultural que podemos chamar de grego – uma prova de valor individual, cuja glória da vitória seria partilhada com sua família e cidade ¹⁴² – do qual Isócrates novamente se utiliza para ressaltar a importância de sua cidade perante as demais.

Porém, o principal argumento levantado pelo autor, como elemento fundamental para a identificação deste grupo, seria a *paideia*, a educação grega.

“Nuestra ciudad dio a conocer la filosofía, que descubrió todo esto, ayudó a establecerlo, no educó para las acciones, nos apaciguó, y diferenció las desgracias producidas por la ignorancia y las que resultan de la necesidad, y nos enseñó a rechazar las primeras y a soportar bien las segundas. También honró La oratoria, que todos desean, envidiando a quienes la dominan. La ciudad sabía que tenemos por naturaleza esta única peculiaridad respecto a todos los animales y con esta ventaja los superamos en todo lo demás; vio también que es tan mutable la suerte en las demás acciones, que con frecuencia fracasan en ellas los inteligentes y prosperan los necios, pero que los tontos no participan de los discursos hermosos y bien contruidos, empresa, por el contrario, espíritu bien dotado intelectualmente; y que los sabios y los ignorantes parece que se diferencian sobre todo en esta cuestión; se dio cuenta de que los hombres de origen libre no se reconocen por el valor, riqueza o bienes semejantes, sino que se destacan especialmente por sus discursos, que ésta es la más cierta señal de la educación de cada uno de nosotros y que los que utilizan bien la oratoria no sólo tienen poder en sus propias ciudades, sino que son honrados en las demás. Nuestra ciudad aventajó tanto a los demás hombres en el pensamiento y oratoria que sus discípulos han llegado a ser maestros de otros, y a conseguido que el nombre de griegos se aplique no a la raza, sino a la inteligencia, y que se llame griegos más a los

¹⁴² CAMBIANO, G. Tornar-se homem. In.: VERNANT, J-P. *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.p.89.

partícipes de nuestra educación que a los de nuestra misma sangre.”¹⁴³

Mais uma vez Isócrates aproveita para destacar o papel ateniense com relação à filosofia e oratória – sendo a primeira apontada como outra dádiva de Atenas às demais *poleis*, e a segunda como mais uma primazia da cidade. Segundo ele, graças aos atenienses é que haviam conseguido que “el nombre de griegos se aplique no a la raza, sino a la inteligencia, y que se llame griegos más a los partícipes de nuestra educación que a los de nuestra misma sangre” ¹⁴⁴. Assim, daria ao grego um status de cultura e não de nascimento – sangue ou raça. Apropriando-se da antiga linha educativa da *paidéia*, sua retórica estaria ligada aos valores morais da aristocracia e às questões políticas ¹⁴⁵, por isso a ênfase na oratória e nos discursos, que como sinal de educação possibilitariam aos homens os melhores lugares em suas cidades e serem bem vistos pelas demais.

Jaeger o liga a uma herança de pensamento ao qual pertenceriam Péricles e Tucídides, que atribuiriam aos atenienses uma tendência à alta cultura do espírito; além disso, segundo o autor, ao atribuir à sua cidade a fundação da cultura, dava a ela um caráter de coletividade que o contraporía às ideias de Platão ¹⁴⁶. Afirma que “Isócrates quer salientar aqui a cultura geral, em oposição a um determinado dogma ou método de conhecimento, tal como os platônicos o exigiam” ¹⁴⁷, seria então a retórica que melhor plasmariam as exigências políticas e éticas da época, convertendo-as em um patrimônio universal ¹⁴⁸. Assim, podemos pensar que esta cultura geral, que Isócrates afirma originar-se em Atenas de onde fora levada a outras partes, seria mais um elemento agregador dentro do mundo grego, talvez seu vínculo mais forte, que serviria também para diferenciá-los dos demais povos, vistos como bárbaros.

¹⁴³ ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.211-213.

¹⁴⁴ Ibid. p.212-213.

¹⁴⁵ CAMBIANO, G. Tornar-se Homem. In: VERNANT, J.-P. *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994. p.101.

¹⁴⁶ JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p.1065-1066.

¹⁴⁷ Ibid. p. 1065.

¹⁴⁸ Ibid. p. 1067.

Isócrates utilizaria ainda outros argumentos para convencer o seu público de que a cidade de Atenas deveria ser a escolhida para ter a *hegemonia* em uma nova expedição contra os bárbaros, persas. Discorre sobre esta *pólis* ter estabelecido o mercado Pireu, cuja importância deve-se, segundo ele, ao fato de “el territorio que ha adquirido cada pueblo no es autosuficiente, sino que carece de unas cosas y tiene excedentes de otras” ¹⁴⁹, demonstrando novamente a interligação entre as cidades, enquanto descreve Atenas como dadivosa. Essa escassez de alimentos provocada pela baixa fertilidade do solo da região ¹⁵⁰ pode ser pensada também como um dos motivos que levariam os gregos a fundarem colônias em outras regiões, visto que o próprio retórico comenta:

“(…) vio nuestra ciudad que los bárbaros ocupaban la mayor parte del territorio, que los griegos, en cambio, estaban encerrados en un pequeño espacio y que, por la insuficiencia de la tierra, conspiraban entre ellos y hacían expediciones militares contra sí; que unos morían por la falta del sustento cotidiano y otros por la guerra. Estando así la situación no la miró con indiferencia, sino que envió generales a las ciudades, que reunieron a los más necesitados, se hicieron sus jefes militares y, tras vencer a los bárbaros en la guerra, fundaran muchas ciudades em uno y outro continente, colonizaron todas las islas y salvaron tanto a los que les acompañaron como a los que se quedaron.” ¹⁵¹

Podemos perceber que ao relatar os problemas pelos quais passavam os gregos neste passado evocado, ele coloca nas mãos dos atenienses a salvação desse povo que estaria em guerras pela insuficiência de terras, devido à suposta primazia desta com relação às colonizações fora do território grego. Além disso, é possível notar a diferenciação feita entre gregos e bárbaros, assunto que trataremos mais para frente.

Antes de nos debruçarmos sobre as oposições presentes no *Panegírico* de Isócrates, faz-se mister compreender outro aspecto importante da identidade

¹⁴⁹ ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.210.

¹⁵⁰ Claude Mossé comenta sobre a baixa fertilidade do solo e da dependência de importações de cereais em : MOSSÉ, C. O Homem e a Economia. In: VERNANT, J.-P. *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.23-45.

¹⁵¹ ISÓCRATES. Op. cit. p.208.

apontado por Warnier que é a produção de uma “*alteridade* em relação a grupos cuja cultura é diferente” ¹⁵². O tema da alteridade foi trabalhado dentro do mundo grego por François Hartog ¹⁵³, que demonstra como Heródoto, no século V a.C., construiu uma imagem do que seriam os gregos através da contraposição com o *outro* – costumeiramente visto pelos gregos como bárbaros, dentre os quais se destacam os persas. Como comentamos anteriormente, Isócrates e seu pensamento pan-helênicos seriam herdeiros desta tradição, que contrapunha os gregos e sua *paideia* e os bárbaros. Todavia, dentro do *Panegírico* podemos dizer que encontramos dois tipos de contraposição de grupos de algum modo diferenciados – os bárbaros, sobretudo persas, que pela tradição se opõe aos gregos; e os lacedemônios que aparecem opostos até certa medida aos atenienses.

Devido à natureza do discurso, parece natural que Isócrates teça algumas críticas aos lacedemônios, uma vez que um segundo objetivo de sua obra seria a *hegemonia* ateniense em detrimento da espartana. Assim, se por um lado o retórico elogia os feitos destes durante as Guerras entre Gregos e Persas, por sua agilidade ao prestarem socorro aos atenienses quando Dario desembarcou na Ática – dizendo que “Los lacedemonios, tan pronto supieron que había guerra en el Ática, descuidaron todo lo demás y llegaron en nuestra ayuda con tanta prisa como si fuera su tierra la sitiada” ¹⁵⁴ – e quanto ao feito do enfrentamento nas Termópilas onde “los lacedemonios perecieron, y venciendo en su espíritu, sus cuerpos cedieron, ya que no se puede decir que fueron vencidos; pues ninguno de ellos consideró honroso huir” ¹⁵⁵. De outro, não poupa críticas principalmente às suas ações contemporâneas, sobre as quais acusa “no se avergüezan quienes, después de administrar con tanta ilegalidad sus propias ciudades, también acusan a la nuestra injustamente” ¹⁵⁶, para em seguida arrolar uma série de ações vistas por ele como vícios:

“¿Quién podría enumerar los destierros, las revueltas civiles, las violaciones de leyes, los cambios de constituciones, los ultrajes

¹⁵² WANIER, J.-P. *A mundialização da cultura*. Bauru: EDUSC, 2003. p.18.

¹⁵³ HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

¹⁵⁴ ISÓCRATES. *Discursos* I. Editorial Gredos. p. 222.

¹⁵⁵ *ibid.* p.223.

¹⁵⁶ *ibid.* p.230.

contra los niños, las mujeres deshonradas y los pillajes de dinero? Aparte de esto, puedo decir en general que con un solo decreto se hubieran podido terminar con facilidad los males ocurridos bajo nuestro gobierno, pero nadie podría remediar los asesinatos e ilegalidades producidos bajo su poder.” ¹⁵⁷

Assim, Isócrates criaria uma oposição entre o poder dos lacedemônios sobre a Grécia em sua contemporaneidade, sempre descrito de forma negativa, e a precedente *hegemonia* ateniense, pois, se neste pequeno trecho parece reconhecer ter havido algum desmando durante este período, além deste ser amenizado diante dos grandes males que teriam sido ocasionados pelos espartanos, ainda é preciso lembrar que anteriormente o retórico afirma que “nuestra ciudad gobernó el mar con justicia y, no sin ella, pretende ahora la hegemonia” ¹⁵⁸. Porém, não devemos nos esquecer as intenções por trás deste discurso, e lembrar que durante sua *hegemonia*, como vimos no capítulo anterior, Atenas teria não só utilizado o Tesouro da Liga de Delos para fins próprios, como instaurado democracias, tributado e instalado clerúrqias nas cidades aliadas.

Outro argumento importante levantado pelo ateniense contra os lacedemônios seria as relações que estes manteriam com os bárbaros, acusa de “quienes se consideran merecedores de alcanzar la hegemonía luchan cada día contra los griegos y tengan hecha una alianza eterna con los bárbaros.” ¹⁵⁹ Desta forma, mesmo o antagonismo entre as *poleis* em seu aspecto negativo¹⁶⁰, é demonstrado majoritariamente pela aproximação dos lacedemônios com o bárbaro e seus sistemas políticos, pois também culpa-os de fazer “la guerra a las instituciones democráticas y consolidan las monarquías” ¹⁶¹ – estas costumeiramente associadas aos bárbaros.

¹⁵⁷ ISÓCRATES. *Discursos I*. Editorial Gredos. p.230.

¹⁵⁸ Ibid. p. 205.

¹⁵⁹ Ibid. p. 234.

¹⁶⁰ Coloco como antagonismo em seu aspecto negativo por perceber, em outro momento do discurso, uma oposição no sentido de uma competição entre as duas cidades, na qual os lacedemônios tentariam igualar-se belicamente aos atenienses com medo que estes fossem por duas vezes a salvação grega. Ibid. p.223. E segundo Yvon Garlan: “a guerra socializada pode revestir-se positivamente de todos os valores de que a elite cívica se reclama.” GARLAN, Y. *O Homem e a Guerra*. In: VERNANT, J.-P. *O Homem Grego*. Lisboa: Presença. 1994.p.51.

¹⁶¹ ISÓCRATES. op. cit. p. 233.

No que diz respeito à contraposição entre gregos e bárbaros, se o principal elemento identitário grego seria a sua *paideia*, que como exposto anteriormente, esta ligada a certos valores morais e políticos, assumindo também um caráter de coletividade; a alteridade bárbara seria exposta pelo inverso ¹⁶² do que se esperava dos partícipes desta cultura. Desta forma, diferentemente da oposição que faz dos lacedemônios em relação aos atenienses – que permite em certa medida elogios e aproximações – a contraposição representada pelo bárbaro deixa clara sua posição exterior ao mundo grego.

Podemos destacar novamente a questão política, na qual esse grupo aparece representado diversas vezes sob a figura do Grande Rei, enquanto os gregos aparecem sempre mencionados em sua coletividade. Além disso, descreve os bárbaros não apenas como súditos, mas escravos que não sabem o que é viver em igualdade:

“Y quienes de ellos gozan de la mayor estimación nunca viveron en igualdad ni en sociedad con otros ni con el estado, y pasan toda su vida injuriando a unos y siendo esclavos de otros, como hombres que corrompen enteramente sus naturalezas, afeminan sus cuerpos a causa de su riqueza y tienen sus espíritus humillados y pusilánimes por la monarquía; se dejan inspeccionar ante el mismo palácio, se postran en el suelo, se preocupan de humillarse de todos modos, adoran a un hombre mortal y le llaman dios, desdeñando más a los dioses que a los hombres. Los que marchan a las costas, llamados sátrapas, no deshonran la educación de allí, sino que se mantienen en las mismas costumbres, y son infieles con los amigos y miedosos con los enemigos; unas veces viven con humillación, otras con soberbia, traicionando a sus aliados y sirviendo a sus enemigos.”¹⁶³

Segundo Laura Sancho Rocher, Isócrates não conceberia uma *pólis* de súditos, pois seria o povo que deveria controlar os magistrados, sendo ele o soberano e não o contrário ¹⁶⁴. Assim, o homem grego seria livre, pois devido ao seu

¹⁶² Sobre a inversão nos discursos de alteridade ver: HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

¹⁶³ ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.240.

¹⁶⁴ ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. In: Gerión, Madrid. v.20, n.1, 2002. p. 239.

sistema político não se submetia as ordens de um rei, mas formariam no interior da cidade uma *politéia*, na qual os cidadãos possuíam também participação nas decisões da vida pública ¹⁶⁵. Em última instância, ao bárbaro – sendo ele representado em sua coletividade ou na figura de seu rei – seria atribuído todos os vícios e faltas: seriam maus guerreiros, adutores, covardes, infiéis etc; estes ligados à sua educação e forma de governo monárquico – em oposição à *paidéia* e democracia gregas.

Podemos pensar então que, para Isócrates em seu *Panegírico*, a falta mais grave dos lacedemônios foi terem firmado uma paz comum com o Rei, em 386 a.C., uma vez que afirma que

“por estos tratados, las ciudades libres deben agradecimiento al Rey, como si tuvieran esta autonomía gracias a él, y, las que han sido entregadas a los bárbaros, acusan sobre todo a los lacedemonios y también a los demás que hicieron la paz, de que fueran obligados por ellos a ser esclavos” ¹⁶⁶

Assim, para Isócrates, este tratado teria transformado os gregos em escravos do Rei, corrompendo o princípio de liberdade e de *politéia* que mencionamos. Denunciaria ainda que “ningún honor concedieron a nuestra ciudad ni a la de los lacedemonios, y, en cambio, hicieron al bárbaro señor de toda Asia, como si hubiéramos hecho la guerra em su beneficio” ¹⁶⁷.

Além disso, declara que se antes estes faziam guerra às tiranias ¹⁶⁸, agora o faziam contra as instituições democráticas e ajudariam a consolidar monarquias:

“Los lacedemonios antes arrojaban a los tiranos y prestaban ayuda al pueblo, pero ahora han cambiado tanto que hacen la guerra a las instituciones democráticas y consolidan las monarquías. Y así es que después de firmarse la paz, arrasaron la ciudad de Mantinea, se

¹⁶⁵ MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C.; TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.p.241.

¹⁶⁶ ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos.246.

¹⁶⁷ Ibid. p.247.

¹⁶⁸ Referindo-se ao auxílio dado aos aristocratas atenienses contra a tirania no século VI a.C. JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense*. Martins Fontes: São Paulo, 1997. p.9.

apoderaron de Cadmea de Tebas, ahora sitian Olinto y Fliunte y cooperan con Amintas, Rey de Macedonia, con Dionisio, tirano de Sicilia y con el bárbaro que domina Asia, para todos ellos consigan el mayor porder.” ¹⁶⁹

Desta maneira, percebemos novamente a oposição no campo político; na qual o bárbaro seria também o monarca e/ou tirano em antítese ao sistema constitucional e democrático. Assim, como afirma Rocher, após a Guerra do Peloponeso o enfrentamento ideológico dentro do mundo grego se daria através da antítese democracia-oligarquia, sendo a oligarquia identificada com a tirania e ambas entendidas como sistemas não constitucionais ¹⁷⁰ – ao menos na medida em que o sistema oligárquico se aproximasse das monarquias e tiranias.

É neste sentido que Isócrates parece levar também a sua defesa da *hegemonia* ateniense, na defesa de sua cidade afirma que

“bajo nuestro mando no sólo los asuntos particulares aumentaron extraordinariamente su prosperidad, sino que también las ciudades crecieron. No envidiábamos a las que se ensanchaban ni producíamos desordenes con el establecimiento de políticas contrarias, para que pelearan entre sí y no sirvieron unos y otros; por el contrario, con la idea de que la concordia entre los aliados era una utilidad común, gobernábamos todas las ciudades con las mismas leyes y nuestras decisiones sobre ellas eran en plan de aliados, no de tiranos; estábamos al cuidado de todos los asuntos, pero permitíamos que cada uno fuera libre en los suyos particulares; ayudábamos a la mayoría, hacíamos la guerra a las tiranias, por considerar algo terrible que la mayoría sea sometida por unos pocos y que quienes carecen de bienes, pero no son inferiores en otras cosas, sean excluidos de los cargos publicos, y, además, que en una patria común, sean unos tiranos, otros metecos, y que los ciudadanos por nacimiento queden por una ley privados de la ciudadanía” ¹⁷¹.

¹⁶⁹ ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.233-234.

¹⁷⁰ ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. In: Gerión, Madrid. v.20, n.1, 2002. p.232.

¹⁷¹ ISÓCRATES. Op. cit. p.227.

Assim, Isócrates descreveria a política hegemônica ateniense em oposição ao poder lacedemônico do período – não estabelecendo políticas contrárias, nem tiranizando as outras cidades, como faziam os espartanos com suas decarquias. Desta forma, o retórico colocaria as “instituições democráticas como as únicas capazes de representar a autonomia e os regimes constitucionais gregos frente ao despotismo bárbaro” ¹⁷², como afirma Rocher, uma vez que, contrariamente aos oligarcas lacedemônios, os democratas atenienses respeitariam os assuntos particulares de cada cidade e as ajudaria a dar cabo em regimes que entendem como inconstitucionais.

Portanto, com o intuito de dissolver os conflitos entre as *poleis* gregas no século IV a.C. Isócrates ajudaria a construir uma imagem comum a elas, buscando na história – desde um passado remoto e até mesmo mítico até a sua contemporaneidade – elementos que compreendemos ser de um repertório comum, portanto válido aos que apreciariam tal discurso, objetivando a reconciliação das cidades. Assim, apesar de presente a oposição entre atenienses e lacedemônios, esta se faz muito em relação à aproximação deste último com o inimigo persa. Além disso, este discurso constrói também uma alteridade bárbara, na qual projetaria a responsabilidade – direta ou indiretamente – pelos males sofridos pelos gregos, contra o qual deveriam se unir em uma empreitada comum. Assim, a guerra contra o bárbaro apareceria como um último elemento agregador desta sociedade, enquanto a Guerra entre os Gregos seria um mal cujo único bem seria “utilizar contra el bárbaro las experiencias aportadas por ellas” ¹⁷³.

¹⁷² Tradução livre do espanhol. ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. In: Gerión, Madrid. v.20, n.1, 2002. p.235.

¹⁷³ ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos. p.246.

Conclusão

Ao analisarmos o discurso *Panegírico*, do retórico ateniense Isócrates, concluímos que, apesar da autonomia política das *poleis* e dos conflitos que a muito tempo se estendiam entre elas, podemos falar em uma identidade grega. Uma vez que ao lembrar seus espectadores dos vínculos que uniriam todas as cidades a *polis* de Atenas – para a promoção da *hegemonia* desta – o retórico acabaria demonstrando que estes partilhavam de uma cultura comum, que perpassaria diversos âmbitos – como religioso, econômico, educacional e político.

Esta se daria ainda na antítese ao bárbaro, identificado nesta obra sobretudo como persa, seguindo assim a tradição que o precedia. Essa oposição aparece principalmente com relação ao sistema político, associando o bárbaro à monarquia, vista como inconstitucional por ser o governo de um homem, o que, segundo ele, transformaria os demais em escravos. A esta vincularia ainda uma cultura e educação que a seus olhos seria corrompida ou corruptora, uma vez que todos os vícios estariam a ela ligados.

Além disso, observamos uma segunda contraposição de grupos ao longo do discurso, referente aos atenienses – grupo ao qual Isócrates pertencia e se identificava constantemente durante sua obra – e os lacedemônios. Todavia, neste caso, percebemos ainda a possibilidade de reconhecimento de alguns feitos dos lacedemônios que teriam beneficiado os gregos, mesmo que estes pareçam ter ficado no passado. Sendo as acusações feitas contra estes devidas a suas ações contemporâneas, das quais é notável seu relacionamento com a corte persa e a criação de oligarquias nas *poleis* dominadas por eles, podemos compreender que esta alteridade se dá também em relação à aproximação deste grupo com o bárbaro. Enquanto os atenienses são descritos como aqueles que trouxeram os maiores bens aos gregos.

Todavia, não devemos perder de vista que estas são construções discursivas que visam: primeiro, a reconciliação das *poleis* gregas diante de conflitos intermináveis que desgastam e destroem tanto as cidades quanto o campo,

apontando como projeto comum uma guerra contra os que seriam seus verdadeiros inimigos, os persas; e segundo, o retorno à *hegemonia* ateniense. Sendo necessário tomar cuidado para não exagerar na compreensão destes antagonismos, uma vez que, se por um lado a aproximação com o bárbaro coloca os lacedemônios em uma relação de antítese com os atenienses, por outro, não podemos esquecer que mesmo estes mantiveram relações com os persas em determinados períodos, como é o caso de Cónon.

Fonte:

ISÓCRATES. Discursos I. Editorial Gredos.

Referências Bibliográficas:

CLOCHÉ, P. *Isocrate et son temps*. Paris: Les Belles Lettres.

COOK, R.M. *Os gregos até Alexandre*. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.

GIORDANI, M.C. *História da Grécia*. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.

GODELIER, M. *O Enigma do Dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

ISÓCRATES. *Discursos I*. Editorial Gredos.

JAEGER, W. *Paideia*: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JONES, P. V. (org). *O Mundo de Atenas*: Uma Introdução à Cultura Clássica Ateniense. Martins Fontes: São Paulo, 1997.

MOSSÉ, C. *Atenas*: A História de uma Democracia. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1979.

_____. *Péricles*: O inventor da democracia. São Paulo: Estação da Liberdade, 2008.

_____. RAMALHETE, C., TELLES, A. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

NESERIUS, P.G. Isocrates' Political and Social Ideas. In: *International Journal of Ethics*. vol. 43,n.3(Apr., 1933). p.307-328.

ROCHER, Laura Sancho. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. In: *Gerión*, Madrid. v.20, n.1, 2002.pp.231-253.

VERNANT, J-P. *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994.

VIDAL-NAQUET, P. *O Mundo de Homero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WANIER, J.-P. *A mundialização da cultura*. Bauru: EDUSC, 2003